

Saúde de ferro era mito que gripe desmentia

A saúde de ferro de Tancredo Neves foi um mito cultivado até as derradeiras cirurgias — mas surgiu tardivamente em sua longa trajetória na vida pública. Foi criado a partir de sua candidatura à Presidência da República, em meados de 1984. Aos 74 anos, Tancredo era então o político mais velho que jamais se apresentara como postulante à Presidência na História do Brasil. Seu adversário, Deputado Paulo Maluf, tinha cerca de 20 anos menos que ele. A idade era, portanto, um ponto fraco da sua plataforma — e, para consumá-lo, Tancredo consumiu em cinco meses de uma campanha estafante, com grandes comícios populares e viagens permanentes pelo país, as últimas reservas de seu organismo.

Tancredo foi sem dúvida um homem vigoroso, mas foi também um homem esmagado pela consciência de seu papel social, esculpidamente responsável, incapaz de uma levianidade que representasse risco de prejuízo político, para si ou para o País.

Não era propriamente um homem saudável. Seu médico há 30 anos, Diomedes Garcia Lima, também de São João del Rei, diagnosticou quando ele caiu gripado, entre o Natal e o Ano-Novo de 1984:

— O maior problema do Tancredo sempre foi sua baixa resistência imunológica frente aos estados gripais. Sempre que ele apinha um simples resfriado, seu organismo, como acontece com poucas pessoas, tem uma queda muito grande das defesas.

Mesmo assim, continuou imperando o mito da saúde imbatível do ex-Governador de Minas. Ajudando a construir a lenda, o próprio Tancredo, presenteado com pílulas de magnésio pelo médico do Senado, Arnaldo Veloso, nunca as utilizou, mas deixou ir em frente a versão de que elas lhe faziam muito bem. Queixou-se, no entanto, das peripécias a que era obrigado durante as viagens, comícios e jantares de campanha.

Brutal

— O que vocês estão fazendo comigo é uma coisa brutal — disse a um assessor no Hotel Rio Palace no Rio de Janeiro, em meados do mês de setembro. Ele voltava de um comício e, naquele dia, desde as 7 h da manhã, tinha compromissos. Ao deixar um almoço promovido pela barraca de Minas na Feira da Província, foi informado pelo assessor: “Agora, o senhor tem dois compromissos com sindicatos, depois recebe vereadores...” — Sua explosão não deixou o assessor terminar a frase:

— Vocês querem acabar comigo. Eu não vou. E não foi mesmo. Descansou o final da tarde em seu apartamento na Avenida Atlântica. O Presidente sempre procurou ocultar também o fato de ser alérgico ao sol. Após um desfile em carro aberto, debaixo de sol forte, em Belém do Pará, em outubro, deixou claro seu desagrado pelo novo passo do gênero marcado para o dia seguinte em Manaus.

E na Capital do Amazonas, sob o olhar preocupado do neto e secretário particular, Aécio Neves, Tancredo foi obrigado a mais uma demonstração de saúde indestrutível. Uma corrente de ferro, atirada num fio de alta tensão por policiais disfarçados em manifestantes, interrompeu a energia, cortando o som e deixando no escuro mais de 30 mil pessoas. A chuva forte e os rojões aumentavam o pânico. Tancredo, despreparado para gripes, foi aconselhado a deixar o palanque mas resistiu:

— Não. Eu fico.

Ficou, a chuva passou, e ele, ensopado, ainda discursou. O mito era alimentado. Numa festa na casa do jornalista

Foto de Gervásio Batista — EBN — 25/3/85

Hélio Fernandes, no Jardim Botânico, no Rio, Tancredo Neves desfilava à meia-noite com um copo de uísque Ballantine 12 anos na mão direita. O dia, como muitos outros, fora “brutal”, segundo definição do então Senador José Sarney, quase 20 anos mais moço, que demonstrava espanto:

— É impressionante a resistência que ele tem.

Realmente tinha, mas compensava o desgaste com alguns truques. Quando deixava o proscênio, por exemplo, mergulhava num sono reparador, qualquer que fosse o lugar em que se encontrasse. Assim, dormia em todas suas viagens aéreas, chegava até a cochilar em solenidades mais prolongadas.

No dia 27 de dezembro passado, retornando de Cláudio para Belo Horizonte, o então candidato teve seu Alfa-Romeo negro perseguido, a mais de 120 km por hora, por três equipes de jornal e TV. Já dentro da Capital mineira um sinal, repentinamente fechado, provocou uma freada brusca e, por pouco, um acidente de graves proporções envolvendo o carro do ex-Governador. Tancredo, mesmo assim, prosseguiu dormindo. Entre suas deficiências de saúde, uma surdez parcial do ouvido direito, que o levava a colocar habitualmente a mão esquerda em concha ao lado da orelha esquerda.

Tancredo Neves, segundo um dos médicos paulistas que o acompanharam, por três vezes no decorrer da campanha sentia dores na região em que seria operado no último dia 14. “Ele disse a todos que devia ser por causa de muito torresminho e gases”.

No final de janeiro, novas peripécias. No dia 24, menos de uma semana depois de eleito, desembocava em Roma para um pérriplo de cinco dias, durante o qual se encontrou com 15 chefes de Estado na Europa, América Latina e Estados Unidos.

Quando desembarcou na Itália, a temperatura era de 3 graus. Um dia antes, em Barra do Garças, no interior do Mato Grosso, de terno e gravata, Tancredo Neves fora submetido a escaldantes 38 graus positivos. Apenas para receber um diploma de cidadão barragense e marcar sua saída do país de uma longínqua cidadezinha do interior. Na Europa, o dia foi marcado pelo exagero quase sobre-humano.

Tancredo Neves acordou às 6h em Lisboa. Três horas de trem depois já estava em Coimbra onde, em atribulada cerimônia, tornou-se doutor honoris causa. De Coimbra foi a um palácio vizinho, onde fez uma refeição em 15 minutos, em pé. Outras três horas de trem depois, já estava de volta a Lisboa. Na Capital portuguesa recebeu uma condecoração no Palácio de Belém. Pouco depois já chegava ao hotel. À meia-noite e meia, após viajar de avião até a Espanha, onde jantou em Madrid, com o Primeiro-Ministro Felipe Gonzales e o Rei Juan Carlos, Tancredo Neves estava de volta a Lisboa.

O Deputado Freitas Nobre, conta uma história sobre Tancredo Neves e as dissimulações sobre seu estado de saúde. Depois de um almoço com uma das bancadas estaduais, em Brasília, o então candidato sentiu-se mal. Foi atendido pelo Serviço Médico da Câmara. Indagado a respeito pouco depois, o clínico Renault Mattos garantiu: “Não foi nada”. O mesmo Renault, a pedido do Presidente, ajudou a esconder a doença que levava Tancredo Neves a sete cirurgias ao longo de 31 dias e 28 horas na mesa de operações.

Foto de Matutti Mayeza — Agência Folhas — 26/3/85



Horas antes da primeira operação, Tancredo assistiu, com D. Risoleta, à missa no Santuário de Dom Bosco

Foto de Matutti Mayeza — Agência Folhas — 26/3/85



A remoção para São Paulo, em busca de melhores recursos médicos, foi uma tentativa frustrada de salvação

Arquivo — 6/4/85



Em meio a agonia e mistério, Tancredo foi levado do Hospital das Clínicas para exame em outro prédio



A fotografia após a segunda operação deu esperança